

Domingo, 28 de Dezembro de 2025

Mulheres na política

NATASHA SLHESSARENKO

Natasha Slhessarenko

A política ainda é um dos espaços onde o machismo estrutural se manifesta de forma mais explícita. Ele aparece não apenas na sub-representação de mulheres em cargos de poder, mas, sobretudo, nas práticas sistemáticas de deslegitimação, que configuram formas claras de violência política de gênero. Essa violência não se expressa apenas por agressões diretas, mas por estratégias contínuas que buscam minar trajetórias, decisões e a própria palavra das mulheres.

Quando uma mulher ocupa o espaço público, não é raro que precise explicar mais do que os homens. Explicar escolhas, caminhos, rupturas e contextos. Precisa provar, repetidas vezes, que está dizendo a verdade, que é capaz, que tem autonomia. Essa cobrança seletiva e desproporcional não é casual: trata-se de um mecanismo de controle que integra a violência política de gênero, cujo objetivo é constranger, desacreditar e limitar a atuação feminina na esfera pública.

Ao longo da história, mulheres que decidiram participar da política enfrentaram não apenas disputas eleitorais, mas narrativas construídas para fragilizá-las. Questionar sistematicamente a honestidade, a coerência ou a firmeza de uma mulher é uma estratégia antiga de silenciamento político. Enquanto isso, homens transitam entre decisões, acordos e mudanças de rota sem que sua credibilidade seja colocada sob suspeita, mesmo quando apresentam trajetórias semelhantes ou até mais curtas na vida pública.

Um exemplo claro pode ser observado aqui mesmo em Mato Grosso, onde já tivemos um senador e um governador eleitos sem nunca terem ocupado anteriormente cargo eletivo. Em nenhum desses casos, sua legitimidade foi colocada em dúvida com base em gênero, tampouco foram alvo de campanhas sistemáticas de desqualificação pessoal. A ausência desse tipo de ataque evidencia como a violência política de gênero não se relaciona à experiência política em si, mas ao fato de quem ocupa o espaço ser uma mulher.

A violência política de gênero também se manifesta na tentativa de reescrever fatos, distorcer contextos e atribuir às mulheres responsabilidades que não lhes cabem. São práticas que buscam desacreditar para afastar, expor para constranger e desgastar para desestimular a participação política feminina. Não se trata de episódios isolados, mas de um padrão que compromete a democracia.

Ainda assim, mulheres seguem ocupando esse espaço. Não por concessão, mas por direito. Não por vaidade, mas por compromisso com a sociedade. A presença feminina na política amplia o debate público, fortalece a democracia e contribui para a construção de políticas públicas mais justas, humanas e inclusivas.

Enfrentar o machismo e a violência política de gênero é parte fundamental desse caminho. Nomear essas práticas é um passo necessário para combatê-las. Negá-las ou neutralizá-las apenas perpetua desigualdades históricas. As mulheres não estão na política de passagem. Estão para permanecer, contribuir e transformar. E

cada tentativa de deslegitimação apenas evidencia o quanto essa presença ainda incomoda, e o quanto ela é indispensável para uma democracia plena.

Natasha Shessarenko é médica há 35 anos em Mato Grosso e servidora pública.